

**Você vai, eu vou!\***

**Valdir Specian**

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.  
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Os portões agora já não podem ficar abertos. A cerca do grande quintal precisa de consertos, não há como, os recursos da casa, das três irmãs idosas, não permite esse capricho. Em um piscar de olhos, como os portões sem tranca, Lucinha sai com rapidez rumo a qualquer lugar, talvez no mercado ou na casa da vizinha, parece pouco importar. A irmã, Maria, não pode fazer nada, sua energia se esgotou, seu passo é curto e cuidadoso, não pode se deixar cair mais uma vez. Para a outra irmã, Juma, nada mudou, seu olhar para o mundo e para tudo em sua volta tem outros significados. Diferente das irmãs, Lucinha obteve na juventude o direito concedido pela mãe para estudar na grande cidade. A matriarca, uma mulher à frente do seu tempo, entendia a importância de formar as filhas e os filhos, para isso era preciso um grande esforço. Na pequena cidade do Mato Grosso do Sul só era possível concluir os primeiros anos de estudos, o ginásio. São Caetano do Sul era destino dos filhos de Dona Zú. Lucinha chegou na cidade, conseguiu emprego, se matriculou no segundo grau e deu continuidade aos estudos. Sua participação na escola durou pouco, conheceu o lindo jovem no trabalho e em pouco tempo passou a viver outros sonhos, o amor. A escola perdeu a importância para a jovem mulher. Não demorou muito surgiu a gravidez, a necessidade de dedicação a vida familiar preenchida pela linda criança de cabelos pretos encaracolados. O rosto com maçãs arredondadas, os olhos puxados e o formato do nariz não deixavam dúvidas quanto às origens indígenas da mãe. A genética vinha do avô materno, um paraguaio que ainda jovem fugiu da fome em seu país e buscou trabalhos nos ervais do Mato Grosso. A morte do avô fez Lucinha, o esposo e agora os dois filhos migrarem para o Mato Grosso do Sul, para ela, um retorno. Para o esposo – apelidado de carioca em referência ao sotaque e a cidade de nascimento, Petrópolis/RJ, uma imersão no interior distante. O trabalho caprichoso de funileiro e pintor fez fama neste interior. Para além do trabalho, a diversão era a pescaria nos rios que desaguam no pantanal e o bar, e com o bar, a bebida. A família com tempo foi ficando em segundo plano, mas os filhos continuaram a nascer, vieram mais dois meninos e uma menina no casamento com Lucinha. Nesse tempo a vida de Lucinha era para o lar, para as leituras escondidas, para o acompanhamento do esposo em cada nova mudança de cidade, um novo sonho, uma nova oportunidade de trabalho. As oportunidades, que no começo pareciam ser o caminho para as soluções de todos os problemas da família, com o passar do tempo se revelavam mais angústia para Lucinha e para os filhos ainda pequenos, mais exploração para um carioca sonhador. Os padrões quase sempre não cumpriam o combinado. O machismo/patriarcado impunha à Lucinha a vida para casa, em casa. O esposo tinha outras benesses. Os filhos, em crescimento, começaram a buscar formas de garantir sustento para a família. A primogênita ainda criança virou babá de outras crianças, depois vieram outros trabalhos, não existia carteira assinada e/ou outros direitos da trabalhadora, apenas trabalho. Os dois irmãos mais velhos foram apreender os ofícios do pai: massa, lixa e pintura. O vai e vem, as mudanças de cidades, as angústias, traições, corroeram o ânimo de Lucinha. Com o passar do tempo, ela e os filhos menores passaram a ficar mais tempo na casa da mãe. Carioca seguia em suas aventuras em busca de um novo trabalho, de um novo sonho. Na casa da matriarca, quem ajudava nos cuidados com as crianças, além de Lucinha, eram suas irmãs: Maria e Juma. Lucinha cuidava de parte dos afazeres domésticos; limpeza da casa de outras irmãs. Como era a mais jovem, entre as irmãs, ela tinha a função de ir e vir no comércio, buscar um produto, pagar uma conta. O casamento foi se desfazendo de forma natural – ele, carioca, em outra cidade, ela na casa da mãe, com as irmãs e parte dos filhos. As angústias se transformam em depressão. No nascimento do primeiro neto, Lucinha, repetiu a cultura familiar e se mudou temporariamente para a casa da filha a fim de ajudar nos afazeres domésticos e cuidar da filha em recuperação e do neto. Já nessa época ela demonstrava uma alegria contida, um desejo de solidão, reservava-se em seu silêncio. Mais tempo, menos perspectiva, talvez sonhasse com o retorno do esposo do qual nunca se separou. Ele retornou, quando já não tinha mais forças, quando os amigos e as namoradas já não queriam mais explorar aquele corpo frágil. Ele foi acolhido, por ordem da matriarca, na casa onde viviam aquelas mulheres. Enfim, Lucinha teve seu esposo de volta. Agora ela tinha a função de cuidar de um carioca doente, mas ainda assim, machista, dono da razão... os cuidados não duraram muito, a doença foi mais forte que ele. Da morte de Carioca em diante, Lucinha foi se isolando para o mundo, para as pessoas. A principal diversão eram os jogos de revistas, repetição de tarefas. A depressão foi aumentando, apareceram os esquecimentos, coisas básicas: “*como se faz pipoca?*”. O diagnóstico: depressão profunda. Mas não era apenas isso. Os remédios pareciam não fazer efeito. ....



Mais isolamento, mais esquecimento. Suas suficiências foram mudando, nas idas ao mercado esquecia-se dos objetivos do descolamento. Outros médicos, novos exames, outro diagnóstico – Demência Frontotemporal – desespero dos filhos, indiferença das irmãs. Como aceitar que Lucinha, sempre esquecida, está doente!? Os comportamentos de Lucinha vão mudando, novos desafios para a filha mais próxima, que cuida da mãe e das tias com a ajuda financeira dos irmãos. ....

Três irmãs, três idosas, muitas lembranças, alguns conflitos, pouca assistência dos parentes. Apesar da doença, Lucinha cumpre suas atribuições, ela fecha as portas, desliga a TV no horário certo, não importa se tem alguém assistindo. Toma os remédios de sua preferência conforme determinado.... As irmãs perderam os nomes, mas ela sabe que Maria é a dois (2), talvez Juma seja a um (1). Lucinha parece querer liberdade, a liberdade perdida, a liberdade tomada no casamento, a liberdade de juventude concedida pela mãe, a liberdade simples de ir e vir pelas ruas da pequena cidade. Ela que era uma leitora voraz, agora pouco se lembra das palavras, mas entre as suas suficiências, lembra-se de perguntar aos filhos... *Você vai? Eu vou!* Mas os portões estão fechados para ela. ■ ■ ■

*Nota: \*Continuação de minha crônica “Compro meu cigarro?”*

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*